DASHBOARDS EDUCACIONAIS COMO FERRAMENTA DE GESTÃO PEDAGÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEMPO INTEGRAL

Severino George Domingos da Silva[1]
Jamile Alves Pereira Domingos[2]

[1] Pós-Graduando do Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências da Natureza e Matematica – PPGECNM - UFRN, especialista em Educação Profissional e Tecnológica – IFES; Licenciatura em Química da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Licenciatura em Pedagogia –UNOPAR, E-mail: [georgemsm@gmail.com].

[2] Pós-GraduadaCurso de Especialização em Língua Portuguesa: Leitura, Produção de Textos e Gramática – UFRN, Licenciatura Plena em Letras – UEPB; Licenciatura em Pedagogia - UNOPAR,; E-mail: [jamile.1290312@educar.rn.gov.br].

INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais e a crescente disponibilidade de informações no cotidiano das escolas têm produzido novas possibilidades para a organização do trabalho pedagógico. Entretanto, a existência de dados não garante, por si só, que eles sejam compreendidos ou utilizados na melhoria da aprendizagem. Em muitas instituições, notas, índices de aprovação, frequência e resultados bimestrais permanecem dispersos em sistemas e planilhas, cumprindo predominantemente uma função burocrática. O desafio da gestão consiste em transformar esses registros em evidências acessíveis, interpretáveis e capazes de orientar decisões pedagógicas tomadas em tempo oportuno.

A gestão democrática pressupõe a participação dos sujeitos escolares na análise dos problemas e na construção das respostas institucionais. Para Paro (2016), a democratização da escola pública não se limita à existência de instâncias colegiadas, mas envolve a circulação das informações e a participação efetiva nas decisões. De modo complementar, Lück (2009) compreende a gestão escolar como um processo de mobilização de pessoas e organização de condições para a realização dos objetivos educacionais. Nessa perspectiva, a produção de indicadores somente adquire sentido pedagógico quando promove diálogo, reflexão, acompanhamento e corresponsabilidade.

Este trabalho apresenta uma experiência desenvolvida na Escola Estadual em Tempo Integral Rosa Pignataro, situada em Nova Cruz, Rio Grande do Norte. A unidade oferta o Ensino Médio Potiguar em Tempo Integral e o Ensino Médio Profissional integrado ao Curso Técnico em Informática. A diversidade de turmas, componentes curriculares e modalidades ampliava a necessidade de acompanhar os resultados de forma integrada, especialmente para

identificar estudantes com baixo rendimento, componentes com maiores dificuldades, diferenças entre turmas e a evolução dos resultados ao longo dos bimestres.

Diante dessa realidade, a equipe gestora estruturou um sistema de monitoramento composto por planilhas eletrônicas integradas e dashboards educacionais. A ferramenta organiza os resultados de aprendizagem por estudante, turma, componente curricular, área do conhecimento e modalidade de ensino. Mais do que oferecer visualizações, o sistema foi incorporado às reuniões pedagógicas, aos Conselhos de Classe, aos encontros com coordenadores de área e às reuniões de líderes de turma, criando um ciclo de análise, planejamento, intervenção e novo acompanhamento.

O objetivo do trabalho é analisar as contribuições dos dashboards educacionais para a gestão pedagógica de uma escola pública de tempo integral, destacando sua utilização no acompanhamento da aprendizagem, na reflexão sobre a prática docente, na tomada de decisões baseada em evidências e no fortalecimento da participação dos diferentes segmentos escolares. A experiência indica que a inovação não reside exclusivamente na ferramenta tecnológica, mas na organização de um processo coletivo que transforma dados em perguntas pedagógicas, intervenções e aprendizagens institucionais.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa e natureza descritivo-reflexiva. O relato de experiência permite sistematizar uma prática situada, articulando a descrição das ações, a análise das decisões tomadas e a reflexão sobre seus efeitos no contexto em que foi desenvolvida. O campo da experiência foi a EETI Rosa Pignataro, escola pública estadual de tempo integral localizada em Nova Cruz/RN, e o recorte considerado corresponde ao processo de implantação e utilização do sistema de monitoramento pedagógico iniciado em 2025.

A produção das informações ocorreu a partir dos registros bimestrais de notas organizados pela escola. Inicialmente, os dados foram consolidados em planilhas eletrônicas padronizadas, contendo identificação das turmas, componentes curriculares, áreas do conhecimento, modalidades de ensino e resultados individuais. Em seguida, foram criadas bases auxiliares para calcular médias, percentuais de rendimento e categorias de acompanhamento. Esses bancos alimentaram dashboards interativos, nos quais se tornou possível filtrar os resultados por série, turma, bimestre, componente, área e modalidade.

O percurso de trabalho foi organizado em cinco movimentos articulados: coleta e conferência dos registros; consolidação e tratamento das informações; produção dos

indicadores; análise coletiva; e planejamento de intervenções. Os painéis foram utilizados em reuniões da equipe gestora e da coordenação pedagógica, em Conselhos de Classe e em momentos de planejamento com professores e coordenadores de área. Parte dos resultados também foi socializada com líderes de turma, que discutiram os dados e os compartilharam com seus colegas, ampliando o protagonismo estudantil.

Para esta sistematização, foram considerados os registros institucionais, as formas de uso dos painéis e as observações produzidas no acompanhamento cotidiano da gestão. A análise foi organizada em quatro eixos: visibilidade da aprendizagem; reflexão e apoio ao trabalho docente; participação e gestão democrática; e limites e possibilidades da prática. Não foram utilizados nomes, imagens ou informações que permitissem identificar estudantes ou profissionais. Por se tratar de relato de experiência de gestão, baseado em dados institucionais agregados e sem identificação individual, não houve submissão a comitê de ética.

REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização de dashboards no contexto escolar precisa ser compreendida para além da dimensão técnica. Um painel pode reunir números, percentuais e comparações, mas sua função pedagógica depende dos modos pelos quais a comunidade interpreta as informações e decide agir. A gestão baseada em evidências, nesse sentido, não corresponde a uma administração automática guiada por números; trata-se de um processo no qual dados quantitativos são articulados ao conhecimento da realidade, às observações pedagógicas e à escuta dos sujeitos envolvidos.

Libâneo (2018) destaca que a organização e a gestão da escola devem estar orientadas para a atividade-fim da educação: o ensino e a aprendizagem. Planejamento, coordenação, acompanhamento e avaliação não são tarefas periféricas, mas dimensões constitutivas do trabalho pedagógico. Os indicadores educacionais tornam-se relevantes quando ajudam a equipe a identificar necessidades, estabelecer prioridades, acompanhar ações e replanejar estratégias, sem reduzir a complexidade da aprendizagem a um conjunto de percentuais.

A gestão democrática oferece o fundamento político para o uso compartilhado das informações. Conforme Paro (2016), a democratização da escola envolve participação real nos processos decisórios, e não apenas consulta formal aos segmentos. A transparência dos indicadores, quando acompanhada de espaços de diálogo, permite que professores, estudantes e gestores compreendam os desafios institucionais e assumam responsabilidades compatíveis com suas funções. Nesse processo, os dados deixam de pertencer exclusivamente à direção e passam a constituir um bem coletivo a serviço do projeto educativo.

Veiga (2013) compreende o projeto político-pedagógico como construção coletiva que define intencionalidades e orienta as práticas escolares. O monitoramento da aprendizagem dialoga com essa concepção quando está vinculado às metas pedagógicas e às ações previstas pela escola. A leitura dos resultados precisa retornar ao planejamento e produzir ajustes nos modos de ensinar, avaliar e acompanhar. Assim, o dashboard não substitui o projeto pedagógico; ele oferece evidências que auxiliam a comunidade a verificar se as ações desenvolvidas estão contribuindo para os objetivos assumidos coletivamente.

Na perspectiva de Lück (2009), a liderança escolar mobiliza competências, pessoas e processos em favor da aprendizagem. Isso exige que o gestor não utilize indicadores como mecanismo de exposição ou culpabilização, mas como recurso para organizar o apoio pedagógico. Quando um componente apresenta rendimento inferior ao de outros, a pergunta central não deve ser quem fracassou, e sim quais fatores podem explicar o resultado e quais condições precisam ser criadas para que estudantes e professores avancem. Essa mudança de enfoque converte a comparação em diagnóstico e a informação em possibilidade de intervenção.

A avaliação escolar, conforme a legislação educacional brasileira, deve ser contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre resultados isolados (BRASIL, 1996). No âmbito da rede estadual do Rio Grande do Norte, a regulamentação da avaliação também reforça o acompanhamento processual e a diversificação dos instrumentos (RIO GRANDE DO NORTE, 2019). O uso de dashboards pode contribuir para essa perspectiva desde que os dados sejam analisados ao longo do percurso, relacionados a diferentes evidências e utilizados para promover recuperação, apoio e replanejamento, e não apenas para classificar os estudantes ao final de cada etapa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira contribuição observada foi a ampliação da visibilidade sobre a aprendizagem. Antes da implantação do sistema, os resultados estavam distribuídos em diferentes registros, o que dificultava uma leitura global. Com a consolidação dos dados, a equipe passou a visualizar percentuais de rendimento por turma, componente e área do conhecimento, além de acompanhar estudantes abaixo da média e a evolução bimestral. Essa organização tornou o diagnóstico mais rápido e possibilitou que situações de baixo desempenho fossem percebidas antes do encerramento do ano letivo.

A possibilidade de filtrar e comparar informações também qualificou o acompanhamento institucional. O sistema permite verificar quais turmas atingem as metas

definidas pela rede, quais componentes concentram maiores dificuldades e quais áreas apresentam avanços ou recuos. Esses resultados não são compreendidos como explicações completas, mas como sinais que orientam novas perguntas. Um baixo percentual de rendimento pode estar relacionado às metodologias, aos instrumentos de avaliação, à frequência, à participação, ao perfil da turma ou a condições externas. Por isso, o painel funciona como ponto de partida para investigação pedagógica, e não como julgamento definitivo.

Um segundo resultado foi o fortalecimento da reflexão docente. Cada professor passou a acompanhar o rendimento de seus componentes nas diferentes turmas, comparando resultados e identificando padrões. Quando determinado componente apresentava desempenho significativamente inferior aos demais, a coordenação pedagógica e o coordenador de área promoviam uma análise com o docente responsável. A discussão buscava examinar objetivos de aprendizagem, adequação das avaliações, estratégias de ensino e necessidades específicas dos estudantes. Essa abordagem procurou evitar a culpabilização individual, priorizando o apoio, a corresponsabilidade e o replanejamento.

A comparação entre modalidades de ensino constituiu outro aspecto relevante. A escola oferta Ensino Médio Potiguar em Tempo Integral e Ensino Médio Profissional integrado ao Curso Técnico em Informática. Em diferentes análises, as turmas da modalidade profissional apresentaram resultados superiores em determinados indicadores. Em vez de naturalizar a diferença, a equipe passou a discutir hipóteses relacionadas ao engajamento, à identidade com o curso, à organização curricular, às estratégias docentes e ao perfil das turmas. Essa comparação abriu espaço para identificar experiências bem-sucedidas e pensar formas de compartilhá-las entre as modalidades.

A utilização dos dashboards nas reuniões pedagógicas alterou a qualidade das discussões. Os encontros passaram a contar com informações sistematizadas, reduzindo o tempo gasto na procura de registros e ampliando o tempo destinado à interpretação e ao planejamento. A equipe pôde estabelecer prioridades, identificar estudantes e turmas que demandavam atenção e acompanhar se as ações implementadas produziam mudanças nos bimestres seguintes. O movimento aproximou o monitoramento da lógica de avaliação contínua defendida pela LDB, pois os resultados passaram a retroalimentar as decisões pedagógicas (BRASIL, 1996).

O compartilhamento dos indicadores com os líderes de turma ampliou a dimensão participativa da prática. Nas reuniões, os estudantes puderam conhecer os resultados gerais, discutir dificuldades e pensar compromissos coletivos. Posteriormente, os líderes

socializavam as informações com suas turmas. Essa circulação dos dados fortaleceu a transparência e deslocou os estudantes da posição de receptores passivos para participantes do acompanhamento da aprendizagem. Tal dinâmica aproxima-se da gestão democrática defendida por Paro (2016), na qual a participação precisa produzir influência real sobre os processos escolares.

A experiência também produziu aprendizagens para a própria gestão. A construção dos painéis exigiu definir quais indicadores eram pedagogicamente relevantes, como apresentá-los de forma compreensível e em quais momentos utilizá-los. Percebeu-se que o excesso de dados pode dificultar a análise; por isso, os painéis foram organizados para responder a questões concretas: onde estão as maiores dificuldades, quem precisa de acompanhamento, como as turmas evoluíram e quais intervenções devem ser priorizadas. O processo confirmou que a tecnologia é mais eficiente quando subordinada a objetivos pedagógicos claros.

Entre as vantagens da prática destacam-se a agilidade na identificação de dificuldades, a integração das informações, o acompanhamento longitudinal dos resultados, a qualificação das reuniões, a possibilidade de comparar modalidades e a ampliação da participação. Também se observou maior coerência entre diagnóstico, planejamento e intervenção. Os dados tornaram visíveis situações que poderiam permanecer diluídas nos registros individuais e favoreceram decisões mais oportunas, especialmente em relação à recuperação e ao acompanhamento de estudantes com baixo rendimento.

Entretanto, a experiência apresenta limites. A qualidade dos painéis depende da atualização correta e tempestiva das notas pelos professores. Registros incompletos ou atrasados comprometem a validade dos indicadores e podem gerar interpretações equivocadas. Além disso, nem todos os profissionais possuem a mesma familiaridade com planilhas e leitura de dados, o que demanda formação continuada e mediação da coordenação. Outro risco é a utilização dos resultados para estabelecer rankings ou responsabilizar indivíduos, prática incompatível com a perspectiva formativa adotada.

Os resultados quantitativos também não expressam integralmente a complexidade da aprendizagem. Aspectos socioemocionais, condições familiares, frequência, participação, inclusão, trajetória escolar e relações pedagógicas precisam ser considerados na interpretação. Assim, o sistema não elimina a observação, a escuta e o conhecimento que os profissionais possuem sobre os estudantes. Sua contribuição está em articular evidências numéricas a análises qualitativas, auxiliando a equipe a formular hipóteses e a tomar decisões mais informadas.

Como perspectiva de aprimoramento, pretende-se integrar indicadores de frequência, risco de abandono, resultados de avaliações externas e acompanhamento de habilidades curriculares. Também se considera relevante automatizar alertas para estudantes que apresentem queda de rendimento ou acumulem dificuldades em vários componentes. Tais avanços poderão ampliar a capacidade preventiva da gestão, desde que sejam acompanhados de critérios éticos, proteção dos dados e processos coletivos de interpretação.

De forma geral, a experiência evidencia que os dashboards educacionais podem atuar como tecnologia de gestão pedagógica quando articulados ao planejamento, à liderança democrática e à avaliação contínua. O principal resultado não foi a produção de gráficos, mas a criação de uma rotina institucional em que os dados são coletados, analisados, discutidos e transformados em ações. Essa rotina contribuiu para que o acompanhamento deixasse de ocorrer somente ao final dos períodos e se tornasse parte permanente da gestão da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou as contribuições dos dashboards educacionais para a gestão pedagógica de uma escola pública de tempo integral. A experiência demonstrou que a sistematização dos registros acadêmicos pode ampliar a visibilidade sobre a aprendizagem e apoiar decisões mais rápidas e coerentes com as necessidades das turmas e dos estudantes. A ferramenta possibilitou acompanhar resultados por diferentes recortes, comparar modalidades de ensino e identificar situações que demandavam intervenção, tornando o monitoramento mais contínuo e preventivo.

As contribuições mais relevantes, contudo, não decorreram apenas da organização tecnológica dos dados. O uso dos painéis em reuniões pedagógicas, Conselhos de Classe, encontros de área e reuniões de líderes fortaleceu processos coletivos de interpretação, reflexão e planejamento. Ao compartilhar as informações, a escola ampliou a transparência e a corresponsabilidade, aproximando o uso dos indicadores dos princípios da gestão democrática. Os dados passaram a alimentar perguntas sobre as práticas pedagógicas e as condições de aprendizagem, evitando que a análise se restringisse à classificação de estudantes ou à responsabilização de professores.

A experiência também revelou que a gestão baseada em evidências requer cuidados. Indicadores incompletos, leitura descontextualizada e uso punitivo podem produzir decisões inadequadas. Por isso, os dashboards precisam ser articulados à escuta dos sujeitos, ao conhecimento da realidade e à formação da equipe. As informações quantitativas não

substituem a análise pedagógica; elas a complementam e oferecem pontos de atenção para a investigação coletiva.

Como aplicação empírica, a metodologia pode ser adaptada a outras escolas que necessitem integrar registros e qualificar o acompanhamento da aprendizagem. Sua replicação, entretanto, deve considerar o contexto institucional, os objetivos pedagógicos e a capacidade técnica de cada equipe. Novas pesquisas podem investigar os efeitos das intervenções planejadas a partir dos indicadores, a participação dos estudantes no monitoramento e as relações entre modalidades de ensino, frequência e desempenho.

Na condição de gestor, a experiência reforçou a compreensão de que inovar significa organizar processos capazes de aproximar informação, reflexão e ação. O dashboard é uma ferramenta, mas a transformação ocorre quando a comunidade escolar interpreta os dados, constrói decisões e acompanha seus efeitos. Dessa forma, a prática contribuiu para consolidar uma cultura de planejamento, avaliação contínua e compromisso coletivo com o direito de aprender.

Palavras-chave: dashboards educacionais; gestão pedagógica; indicadores educacionais; gestão baseada em evidências; escola de tempo integral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2018.

LÜCK, Heloísa. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba: Positivo, 2009.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer. Portaria-SEI nº 212, de 29 de maio de 2019. Dispõe sobre normas de avaliação da aprendizagem para a Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte. Natal: SEEC/RN, 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 29. ed. Campinas: Papirus, 2013.